

# TÓ

REVISTA DE  
PSICANÁLISE

# PI CA

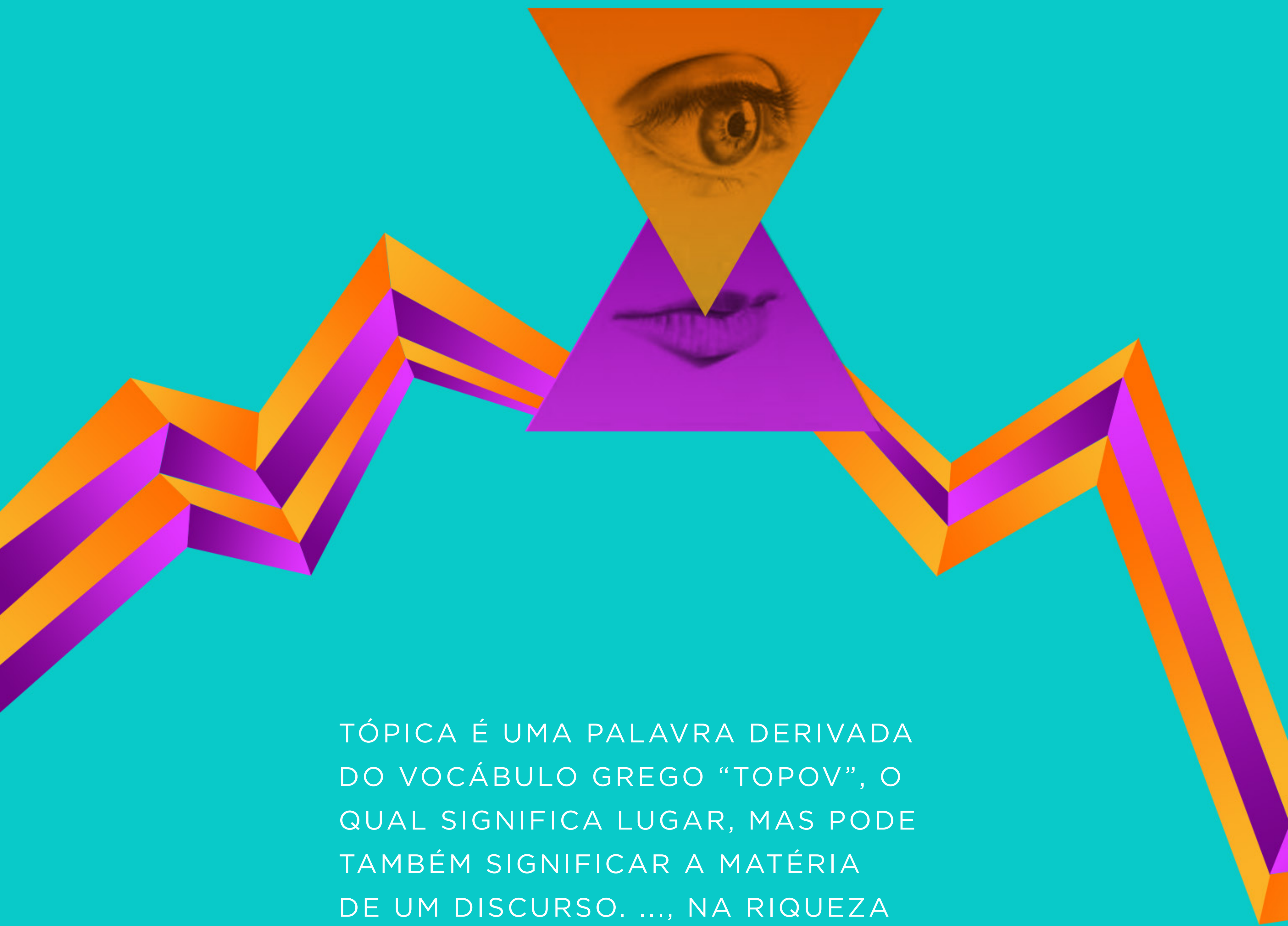


# N. 8

ANO 8  
NOVEMBRO.2013  
MACEIÓ.AL  
BRASIL

**GPAL**  
GRUPO PSICANALÍTICO DE ALAGOAS

ISSN 1980-8992



TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA DO VOCÁBULO GREGO “TOPOV”, O QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA, LEMBRA, POIS, QUE A NOVA REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,  
POR ZEFERINO ROCHA

**PRESIDENTE**

Fernando Barbosa de Almeida

**VICE-PRESIDENTE**

Nádima Carvalho Olimpio da Silva

**TESOUREIRA**

Maria Edna Melo Silva

**SECRETÁRIO**

Elpídio Estanislau da Silva Jr.

**COORDENADORA DA COMISSÃO DE  
FORMAÇÃO**

Ana Lucila Barreiros B.de Araújo

**COORDENADORA DA COMISSÃO DE  
CIENTÍFICA**

Lenilda Estanislau Soares de Almeida

**COMISSÃO CIENTÍFICA E EDITORIAL**

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo

Francisco José Passos Soares

Heliane de Almeida Lins Leitão

Maria Edna de Melo Silva

Nádima Carvalho Olimpio da Silva

Stella Maris Souza da Mota

**PROJETO GRÁFICO/  
DIAGRAMAÇÃO**

Michel Rios

**CAPA**

Michel Rios e Luísa Estanislau

**REVISÃO**

Fernanda B. B. Alves Pinto

Lígia D'Alva

Sidney Wanderley

**GPAL**  
GRUPO PSICANALÍTICO DE ALAGOAS

ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do  
Grupo Psicanalítico de Alagoas (GPAL)

Parque Gonçalves Lêdo, 47, Farol -

CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

gpalmaceio@hotmail.com

www.gpal.com.br

# INTOLERÂNCIA E INSENSIBILIDADE HUMANAS NO ESPAÇO SOCIAL: UMA LEITURA EM WINNICOTT<sup>1</sup>

ANA LUCILA B.B. DE ARAÚJO<sup>2</sup>

## RESUMO

Por ser D. Winnicott um autor que traz original contribuição à constituição subjetiva do sujeito em relação direta com o ambiente, procuro, neste artigo, fazer algumas articulações sobre os conceitos de objeto transicional e espaço transicional, por ser neste espaço que

se constrói a representação da alteridade e o quanto isso pode influenciar nos comportamentos de intolerância e insensibilidade, presentes no espaço social diante do sofrimento do OUTRO.

<sup>1</sup> \_\_\_\_\_  
Trabalho apresentado na IX Jornada do GPAL, em dezembro de 2012.

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_  
Psicóloga e Psicanalista do GPAL.

Um sinal de saúde mental é a habilidade de um indivíduo de entrar de forma imaginativa e precisa nos pensamentos e sentimentos e esperanças de outra pessoa; e também permitir que a outra pessoa faça o mesmo conosco... Quando estamos face a face com um homem, mulher ou criança, em nossa especialidade, somos reduzidos a dois seres humanos de igual status. (WINNICOTT, 1970, p.117).

Assistimos frequentemente fatos e cenas de causar sofrimento, de nos deixar impactados e perplexos de vermos a que ponto pode chegar a crueldade cometida pelo ser humano a seus pares. Assistimos também a demonstrações de um olhar impiedoso, distante e parecendo insensível, de muitos que já não se comovem diante de tais atrocidades. Convivemos com uma intolerância crescente, presente nas relações humanas e no olhar sobre o social, até mesmo diante de pequenas e quase insignificantes falhas, por resistência à frustração e dificuldade em aceitá-la e/ou relevá-la.

Teríamos vários exemplos do nosso cotidiano, que não preciso citar, e que também são exibidos pela mídia o tempo todo e até em tempo real.

Não se trata de algo próprio da contemporaneidade, pois sabemos que a história da humanidade, desde os seus primórdios, é farta de comportamentos similares, próprios talvez da condição

humana. Mas o advento avançado da tecnologia de comunicação aproxima-nos e até nos faz expectadores passivos e/ou ativos de tudo isso.

Estamos diante de novas formas de subjetivação, onde as construções subjetivas tomam outras roupagens, onde há uma ascendência do corpo na constituição da identidade de forma imperativa, onde há perda da importância do conflito, do desejo, apontando para uma menor demanda de introspecção.

Por que escolhi pensar neste tema a partir de Winnicott? Por ser ele um autor que traz uma contribuição original à constituição subjetiva do sujeito em relação direta com o ambiente, representado pela mãe e por tudo que está no seu entorno.

Comecei a pensar nos conceitos da relação e uso de objeto, do objeto transicional e do espaço transicional. Este é um espaço de interação que é definido pela proximidade com o outro, onde realidade externa e interna podem se unir ou não, devido à condição de transicionalidade e porque para este autor, é neste espaço que se constrói a representação da alteridade e

portanto, como o OUTRO incide em cada sujeito.

Para tanto retomarei alguns fundamentos da sua teoria. Donald Winnicott era um pediatra e psicanalista inglês, que dentro do campo psicanalítico faz pensar na teoria psicanalítica fora das ortodoxias psicanalíticas e oferece outras possibilidades e ferramentas de abordar o texto freudiano, sem deixar de manter a sua filiação a Freud.

Ele constrói a teoria do desenvolvimento emocional primitivo e afirma a sua crença na maternagem, na presença da mãe (ou de quem cumpre este papel) como primeira representante do ambiente e de como a princípio há uma fusão onde ele diz “um bebê é algo que não existe, existe a mãe e o bebê.” E a partir daí, desenvolveu o conceito de “MÃE SUFICIENTEMENTE BOA”, como sendo a boa mãe comum que dispensa cuidados reais ao seu bebê, de forma devotada e confiável. Que proporciona “uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que diminui gradativamente, segundo a crescente capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração.” (WINNICOTT, 1975, p. 25)

Inicialmente, o bebê precisa contar com este OUTRO (a mãe), sem se perder nele. Isso acontece quando a mãe/ambiente são confiáveis, não super protetores, nem intrusivos.

Na relação de objeto estabelecida é a “mãe

suficientemente boa” que apresenta o objeto, ou seja, oferece ao bebê o objeto desejado no momento em que ele o necessita. O objeto para ser usado tem que ser real e fazer parte da realidade compartilhada, por exemplo, a mãe, o seio, a mamadeira... Isso faz com que ele “crie” o objeto, não se dando conta de que o objeto já estava lá. É de tamanha importância essa experiência ilusória do bebê. Por quê? Ele precisa acreditar que o objeto é fruto de sua onipotência criativa, ao mesmo tempo em que ele se mantém como existência externa. Como se acreditasse que o mundo pudesse conter o que ele precisa e deseja. É a área da ilusão. A mesma mãe que propicia ao bebê a oportunidade para a ilusão, deve enfrentar a importante tarefa gradativa da desilusão. “Se tudo corre bem nesse processo gradativo da desilusão, o palco está pronto para as frustrações (...)” (WINNICOTT, 1975, p. 28).

Este cenário se desenvolve em torno do 1º ano de vida e Winnicott constrói a teoria do OBJETO TRANSICIONAL, como sendo a etapa em que o bebê começa a perceber que existe o EU e o NÃO-

EU; e neste espaço entre internalidade e externalidade, existe o objeto transicional que é a primeira possessão NÃO-EU do bebê (pode ser um pedaço de tecido, bichinho de pelúcia, até uma palavra, uma melodia ou maneirismo, criados pelo bebê) e que representa tanto a presença quanto a ausência da mãe, que começa naturalmente a “falhar”. Seu uso é “absolutamente necessário na hora de dormir, em momentos de solidão, ou quando o humor depressivo ameaça manifestar-se.” (WINNICOTT, 1975, p. 17). É uma defesa contra a ansiedade. É esse objeto que vai ajudá-lo a suportar a percepção de que não existe a tal fusão MÃE-BEBÊ e dar início ao processo de transição entre a sua relação primária com a mãe e uma verdadeira relação de objeto. A mãe é o OUTRO com quem ele mantém uma relação de dependência, mas não de fusão. Nenhuma coisa humana pode se transformar em objeto transicional, só inanimados, porque o corpo do OUTRO não se presta a isso, por estar em constante ação e fugir ao campo de onipotência do bebê.

Aqui vai surgir o espaço potencial, intermediário, que representa uma área de continuidade do existir, que representa a união entre mundo interno e espaço externo, entre o EU e o NÃO-EU. Segundo Júlia Lima, autora que faz interlocução com a sua obra:

Winnicott fala da interioridade como aquisição, conseguida a partir do processo de integração,

no entanto ressalta a importância constante dos fenômenos e do espaço transicional como um lugar de repouso, para os sujeitos sempre envolvidos no trabalho de manter separadas e relacionadas as realidades interna e externa (LIMA, 2007, p. 241).

No artigo “Raízes da Agressão” (1964), Winnicott sugere que a agressão pode surgir como uma reação direta ou indireta à frustração, mas também deve ser compreendida como uma das muitas fontes de energia do sujeito e com a qual lidamos de diferentes maneiras. Daí a importância da mãe tolerar e sobreviver aos ataques do bebê diante da impossibilidade de realização de todos os seus desejos e necessidades.

Nesta metapsicologia, Winnicott propõe um equilíbrio das forças que atuam no psiquismo, ele vai enfatizar a agressividade vista no bebê, como expressão de vitalidade e criatividade. Assim não precisa ser temida, pois só chega a ser destrutiva quando não pode se expressar nas fases precoces da vida. A tendência anti-social, alguns casos de depressão, a falta

de esperança, distúrbios da imagem corporal e casos limites, são características de falhas afetivas maiores nesta fase.

Há um prejuízo na construção subjetiva do sujeito, quando não há objeto transicional, à exceção da própria mãe ou quando a sequência do seu uso é rompida ou quando o bebê possui um desenvolvimento emocional perturbado.

Através do uso de objetos transicionais, a criança desenvolve a capacidade de usar símbolos, de fazer uso de representações. Para o autor, a principal característica dos fenômenos e objetos transicionais tem a ver com a qualidade da atitude de quem os observa, ou seja, não importa saber, se o bebê criou o objeto ou o encontrou. O destino do objeto transicional não é nem ser esquecido, nem recalçado, mas desinvestido, porque os fenômenos transicionais se espalham pela realidade psíquica interna e o mundo externo, estendendo-se no campo das relações pessoais e da cultura. Neste sentido, Winnicott afirma seu enunciado principal:

O lugar em que a experiência cultural se localiza está no espaço potencial existente entre o indivíduo e o meio ambiente (originalmente, o objeto). A experiência criativa começa com o viver criativo, manifestado primeiramente na brincadeira. (1975, p. 139).

De modo que o objeto vai dar lugar ao

ambiente e a todas as relações estabelecidas entre a criança e a família, entre o indivíduo e a sociedade ou o mundo, que depende do grau da experiência de confiança vivida nos estádios primitivos de sua existência (por ocasião da dependência absoluta, antes mesmo da experiência de separação e de independência). Dando ao sujeito a possibilidade de agir criativamente na brincadeira e nas experiências culturais que produzem satisfação e não só frustração. Isso marca o reconhecimento do ambiente, pelo reconhecimento do OUTRO e da impossibilidade de concretização dos seus desejos onipotentes. O OUTRO existe, não como projeção de projeção do psiquismo, mas porque faz parte da realidade compartilhada, fora do controle onipotente. Isso faz toda diferença na percepção e concepção do mal estar e sofrimento com os quais nos deparamos no espaço social, quando somos sensíveis ou não a nos colocar no lugar do OUTRO e reconhecer a sua subjetividade.

Winnicott se utiliza do relacionamento mãe-bebê como modelo do tratamento



psicanalítico, quando desenvolve todos os seus construtos teóricos. Estes não serão aprofundados aqui, por não serem o objetivo deste artigo. Mas, apenas correlacionando, se o analista é confiável e disponível na escuta, ele cria a primeira condição necessária para a análise se desenvolver. Na transferência, quanto menos interpretações, e mais devoluções da própria fala do analisante, este poderá se ver como realmente é e desenvolver o seu verdadeiro self. O analista suficientemente bom é devotado à causa do seu cliente, tolerando, sustentando e sobrevivendo às manifestações negativas presentes na transferência. Ele faz um manejo da transferência que possibilita ao analisante fazer um percurso da dependência total à independência na relação analítica, quando este revive suas primeiras relações objetais e de constituição de identidade subjetiva. O espaço potencial acontece em relação ao sentimento de confiança por parte do analisante, e o uso desse espaço tem relação com as experiências vividas nos estádios primitivos. Surge, na experiência da análise, a possibilidade do sujeito vir a construir este potencial, a fazer uso criativo de objetos, a tomar posse do seu verdadeiro self, de ser espontâneo, de desenvolver a capacidade de se preocupar e de se responsabilizar por uma vida que vale a pena ser vivida!

## REFERÊNCIAS

- BEZERRA Jr, Benilton; ORTEGA, Francisco. (Orgs.) *Winnicott e seus interlocutores*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.
- PHILLIPS, Adam. *Winnicott*. Aparecida: Idéias e Letras, 2006.
- WINNICOTT, Donald W. *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982.
- WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.